

LITERATURA DE CORDEL E CANGAÇO

Luiz Tavares Júnior

1. INTRODUÇÃO

A história do Nordeste, bem como sua sociologia estão marcadas por um fenômeno que, à medida do passar do tempo, se avoluma em sondagem e interpretação — o cangaço.

Muitos são os que se debruçam sobre ele, na busca de explicá-lo em suas origens, em sua natureza, em sua evolução, na tentativa de compreendê-lo, sob os mais variados ângulos, da história à sociologia, da antropologia à psicanálise, do jornalismo ao cinema, das artes plásticas à literatura.

Pela história, procura-se levantar suas raízes, seguir seu curso, sobretudo no rastro das figuras maiores — Jesuíno Brilhante — Antônio Silvino — Virgulino Ferreira — Lampião, até sua extinção, com a morte de Corisco, em 25.05.1940.

Por ela, ainda, fica-se a saber que o Cangaço não é um fenômeno isolado, nascido da caatinga, gerado no sertão, mas dá continuidade a situações de beligerância que remontam à colônia, encontra filiação nos cabras de proteção dos feudos e nas lutas de família e se insere num contexto político, do início aos fins da república velha.

Pela Sociologia, seu entendimento brota do regime semi-feudal, vigente no sertão; da situação de opressão, vivida pelos mais pobres, pelos pequenos proprietários; da exploração, a que são submetidos os homens do campo e dos pequenos burgos, pelos grandes proprietários de terra e potentados da política, que os privavam da justiça e da posse dos meios de produção, e os mantinham na fome e na miséria, no pauperismo e na servidão.

Pela antropologia, a compreensão do cangaço ilumina-se nas coordenadas de uma cultura ruralista, de forte tradição agrária, permeada de valores medievais, em que os sentimentos de honra, o dever da vingança são imperativos de um código de ética que mantém a todos nos limites de um quadro comportamental primitivo e bárbaro.

Pela psicanálise, o cangaço passa a contar com uma componente internalizada no subconsciente, advinda de uma sociedade opressora na ordem do sexo. O sadomasoquismo traz também alguma luz, de um lado, no esclarecimento da ação criminosa dos cangaceiros, perpretada, não raras vezes, com requintes de extrema perversidade e malvadez e de outro lado, no comprazimento do leitor-ouvinte.

O jornalismo, por sua vez, sempre se preocupou com o cangaço, desde as primeiras manifestações à sua fase áurea, no esforço das reportagens, com o intuito de informar, de pôr à disposição da curiosidade de todas suas façanhas e peripécias, crimes e virtudes, de suas implicações sociais, ajudando, com depoimentos, entrevistas e análises, a fazer a história deste tipo singular de banditismo.

No cinema está outra poderosa fonte de investigação e auscultação do cangaço. Matéria de filmes, o cangaço inspirou a diretores e roteiristas, preocupados com nossa realidade, em geral, em particular, com a nordestina, interessados em dar ao nosso cinema veio temático intrinsecamente nacional.

As artes plásticas, nas suas manifestações eruditas e, sobretudo, populares, apoderaram-se do cangaço, com vigor e entusiasmo. Inúmeros são os artistas, artesãos que se dedicaram e se dedicam ao assunto, na pintura, no desenho, na escultura, na xilogravura. O poder de sedução que o cangaço exerce sobre eles é enorme, havendo alguns, cuja obra se notabiliza pela dedicação persistente aos motivos do cangaço.

A literatura, entre as artes, talvez tenha sido a primeira a levantar o assunto. *O Cabeleira*, de Franklin Távora — (1876), abre passagem: no romance de 30 do Nordeste, com *Os Cangaceiros*, com *Os Coiteiros*, sua força avulta, sem esquecer que em inúmeras outras narrativas, furtiva e insinuantemente, o cangaço marca sua presença, adquirindo na literatura nordestina força de *leitmotiv*, cuja culminância ocorre com a obra monumental de Guimarães Rosa: *Grande Sertão, Veredas*.

Em nossos dias, contando agora com o concurso da Televisão, assistimos ao processo de mistificação do cangaço, com o Cangaceiro levantando-se como bandeira de luta contra a opressão, como símbolo heróico do camponês explorado.

Se na literatura erudita o cangaço ocupa espaço significativo, na literatura popular, em especial na Literatura de Cordel, constitui-se ele um verdadeiro ciclo — o ciclo do cangaço, vivo ainda hoje, na publicação de folhetos, através da reedição dos clássicos do assunto e da edição até de textos novos, num exemplo de extraordinária vitalidade do tema que parece atender as necessidades da fantasia da alma popular, cuja imaginação se esparrama deleitosamente nas torrentes de vingança e nas bravatas de valentia, nos atos de humilhação a que são submetidos os poderosos, e, por intermédio do mecanismo psicológico da identificação, cria a ilusão de ver-se o leitor encarnado na figura do cangaceiro, juiz justiceiro e senhor distribuidor de proteção.

Nem sempre, porém, o Cordel contempla o cangaceiro como elemento positivo; por vezes, o vê como marginal, criminoso, estrompa, perverso, como excluído do sistema social. Estamos diante de uma posição de ambivalência facilmente percebida por todos quantos se dedicam à análise dos textos cordelinos, numa perspectiva crítica em relação aos aspectos sociais, como teremos oportunidade de ver mais adiante.

2. LITERATURA DE CORDEL E CANGAÇO

Duas coisas são tipicamente nordestinas — o cangaço e o cordel, sem que entre ambos haja qualquernexo de causalidade, pois o cordel, além de um fenômeno inteiramente de outra ordem, o antecede no tempo.

A literatura, em qualquer de suas manifestações, alimenta-se da realidade e repousa, como a arte, em geral, nas necessidades do espírito. A alma humana, por sua vez, se alimenta e se diverte na palavra, no discurso, na narrativa.

Os povos, costuma-se repetir, nascem cantando, e podem afirmar, sustentam-se, em atenção às exigências do espírito, na criação do texto, como organização superior da arte no quadro da pintura, na partitura da música, no movimento da dança, no espaço preenchido da arquitetura, na forma plástica da escultura, nas linhas do desenho, no discurso da literatura narrativa ou poema.

Diante da realidade, para compreendê-la, senti-la mais profundamente, poder explicá-la ao outro, o homem procura representar, simbolizar e o faz de acordo com suas condições culturais. Sua adesão e sua reação à realidade podem exteriorizar-se nas manifestações da arte. O homem não pode ficar

mudo, calado diante do real. Necessita sair de si, cantar suas alegrias e suas dores, proclamar sua admiração e seu repúdio; em consonância com suas condições psicológicas e histórico-sociais.

O homem nordestino não pode ser exceção: procura na arte sua fórmula de participar da vida, de reagir em face do real. Nos limites de suas condições históricas e econômicas, criou uma arte popular bem característica, de contornos folclóricos bem próprios, sem deixar de repetir, por imitação deliberada ou por imitação casual, modelos culturais, estabelecidos universalmente pela ação dos povos.

Assim é que no campo das artes floresce, no Nordeste, o Cordel, como manifestação popular da literatura, como veículo da expansão do simbólico e do imaginário das classes pobres de nossa população. Como estas classes pobres são numerosas e abundantes ainda hoje, entre nós, o Cordel retira sua perenidade e vitalidade atuais dessa circunstância.

Através do Cordel, esta classe desprivilegiada reage perante a vida e já o praticou de maneira mais intensa e participativa, em outras quadras de nossa história.

Dentre estas quadras da história nordestina está a época do cangaço, com todo seu cortejo de violência, com toda a sua força de rebelião, sendo inquestionavelmente um período épico, capaz (como o foi, diga-se de passagem) de gerar uma literatura expressiva e abundante.

Do cangaço apoderou-se o Cordel, já predisposto ao épico, pelo conhecimento e prática de narrativas tradicionais do gênero, algumas européias, advindas através do ciclo de Carlos Magno; outras nordestinas, através do ciclo do boi ou dos vaqueiros e do ciclo dos valentes (Vilela e Guabiraba, por exemplo).

O cangaço, como nos ensina a Sociologia, é uma forma de banditismo social, já não podendo hoje ser visto como motins de criminosos comuns, mas deve ser encarado como movimento reivindicatório, a vicejar numa sociedade rural, marcada por estruturas sociais injustas, dominada pela opressão e exploração dos economicamente fracos.

Numa sociedade sem leis, primitiva e bárbara, onde não chegava a presença de um poder central forte e disciplinador, a "lei" e a "justiça" estavam sob o exercício de Senhores locais poderosos, que mantinham, às suas expensas, grupos de cabras e jagunços, como garantidores das relações sociais vi-

gentes, a serviço, por vezes, dos interesses das classes dominantes, e, por vezes, dos interesses privados de indivíduos e/ou de famílias.

Ao lado destes jagunços e cangaceiros assalariados, atuavam grupos e bandidos isolados, assaltando e roubando, em benefício próprio. Vivia-se, à época, em contínuas tropelias, em lutas constantes, em verdadeiro pé-de-guerra. Soma-se a tal estado de coisas a calamidade das secas e poder-se-á ter um retrato extremamente trágico e violento do momento histórico em que surge o cangaço, como manifestação de banditismo social.

O cangaço, no Nordeste, teve seu momento histórico e seu *habitat* natural. Concorreram causas sociais e geográficas, para seu surgimento e manutenção.

"A grande região compreendida entre o rio São Francisco e o Vale do Cariri, estendendo-se da serra Quiamaçá à do Martins, daí as faldas da Borborema aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, é o habitat do banditismo." (H e B., p. 11)

Se acrescentarmos a esta natureza adversa, a calamitosa situação da estrutura social vigente — pobreza, ignorância — opressão — exploração, compreende-se melhor e será possível até justificar o cangaço, que vicejou entre 1870 a 1940.

No cangaço, há alguns traços que deveriam interessar ao Cordel:

1) O sentido de valentia:

"Em pequeno eu só brincava
Com menino muito mau;
Não brinquei nunca com gaita,
Com carrinho ou berimbau,
O meu brinquedo era faca,
Ou espingarda de pau."

(Antônio Silvino — p. 72)

Tem cangaceiro em meu grupo
Que pega onça co'a mão,
Bota cascavel no bolso,
Surucucu no surrão
Come urubu com sal
Assim haja precisão

(Canção de Antônio Silvino, p. 13)

A. Silvino).

2) Sentimento de honra:

Confesso que sou homicida
Mas não sou deshonrador
De mulher casada ou donzella
Nunca ofendi ao pudor
E até me glorio em ser
Da honra um defensor.

(*A vida de Antônio Silvino* — p. 40)

3) Obrigação da vingança e desejo de justiça:

"Vendo eu que a justiça
Procedia desta sorte
Resolvi então eu mesmo
Vingar de meu pai a morte."

(Tomo IV — p. 56)

Eu chamei pela justiça
Esta não quis me escutar
Me vali do bacamarte
Vi esse me auxiliar
Nele achei todas as penas
Que um código pode encerrar.

(Tomo IV — p. 23)

4) Oposição à prepotência:

Saibam manejar o rifle
Sejam bons escopeteiros
Defendam os oprimidos
Tirem só dos fazendeiros
Persigam os traidores
Não perdoem os opressores
Sejam peritos guerreiros:

(Tomo IV — p. 188 *Amigo do Povo*)

Se acabará o despotismo
 O orgulho e poderio
 Não haverá mais gatano
 Todo mundo terá brio

(Tomo IV — p. 130)

(Tira força do poder, p. 131)

Para completar o paradigma, em razão do aspecto de meio de comunicação inerente ao Cordel, pode-se juntar, do lado do leitor, o prazer da notícia das altas façanhas e dos baixos crimes praticados pelos cangaceiros.

“Primeiro é ser criminoso
 Dar provas que é valente
 Romper três horas de jogo
 Nunca ter se acovardado
 E ter seu rifle marcado
 Com a morte de muita gente.”

(*Romanceiro de Lampião* — p. 101)

No distrito de Cajazeiras
 Perto do lugar Tatús
 Em um casamento eu fiz
 Os noivos dançarem nus
 Pintou-se o sete e o bode
 E no meio do pagode
 Mandeí apagar a luz.

(*Romanceiro de Lampião* — p. 103)

2.1 O romanceiro do Cangaço

O cangaço, durante sua vigência, empolgou todo o Nordeste, do sertão às capitais. Razões históricas, ambiência geográfica e fatores culturais muito contribuíram para seu surgimento e alimentaram sua existência, por mais de três quartéis de século.

"O Nordeste brasileiro
Vive sempre aflagelado
Pelo o analfabetismo...
Que assola pelo o estado.
Pagés e catimboseiros
Criminosos e cangaceiros
Que os sertões tem criado."

(M. de Andrade — p. 100)

A época é de crime e violência. A insegurança é absoluta e a atração do cangaço encontra ressonância na alma selvagem e bárbara do homem do sertão.

"Ali ninguém mais ignora
Já todo mundo anda armado
Porque quem vai tomar banho
Leva seu rifle embalado
E só se apanhe algodão
Com o bacamarte de lado."

As agruras da vida, as asperezas do meio, a falta de justiça impelem muita gente ao cangaço, que pode oferecer a muitos um *modus vivendi* mais promissor, quando não mais, ajustado ao aventureirismo e aos instintos de morte de alguns espíritos.

"Querendo tanger comboio
Até sou bom comboeiro
Querendo fazer sapato
Até sou bom sapateiro
Querendo andar no cangaço
Até sou bom cangaceiro,
Que isso de matar gente
É serviço mais maneiro."

(Do cancioneiro popular)

Entre os humildes e grande parte da população camponesa, o cangaço se afigurava como uma profissão normal — entrar para o cangaço, por vezes, constitui até ponto de honra, escolha fatal, quando se tinha um crime a vingar, a dignidade a reparar, sendo preferível viver debaixo do cangaço a sentar praça.

“Como ninguém ignora
Na minha pátria natal
Ser cangaceiro é a coisa
mais comum e natural;
Por isto herdei de meu pai
Este costume brutal...

(*Chagas Batista*, Tomo IV — p. 155)

O cangaço rivaliza com os ofícios mais apreciados, com as funções sociais mais admiradas, o cangaceiro ombreando com qualquer profissional de elogiado desempenho:

“Ali se aprecia muito
Um cantador, um vaqueiro
Um amansador de poldro
Que seja bem catingueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro.”

(*Chagas Batista*, Tomo IV — p. 23)

A vida de um cangaceiro reproduz-se na do outro, com pequenas variações, que ajudam a compor um paradigma, facilmente assimilado, cujas articulações a sintaxe do Cordel, em suas narrativas épicas, revela e apregoa, através de uma retórica de exaltação e coordenação, que se traduz numa semântica de ambigüidade.

Levando vida de fora-de-lei, o cangaceiro corre em dois trilhos paralelos, mas contraditórios:

Em um, equilibra-se como justiceiro, como defensor dos pobres, como protetor da honra e garantia de certos direitos; em outro, evidencia-se como criminoso, como profanador da moralidade, como perturbador da ordem e ameaçador da propriedade.

A princípio, corre bem no trilho da direita, recebendo, nos primeiros instantes, o aval dos humilhados e oprimidos. Incapaz de conter-se nesta linha, cedo destempera-se na bitola do segundo e resvala vertiginosamente pela linha de hediondez e da maldade.

Três nomes de cangaceiros podem servir-nos como protótipos: Jesuíno Brilhante — Antônio Silvino e Virgulino Ferreira da Silva — Lampião. A figura do cangaceiro, com todas as suas contradições, adquire nítido contorno no exemplo ta-

lhado por eles; e se exacerba, se acentua um pouco em cada um, para atingir o ápice em Virgulino — Lampião.

Seguiremos, agora, sua trajetória pelo Cordel, na voz do cantador, na narrativa versificada do poeta popular, em suma, na visão do cancionista popular nordestino. O Cordel ajudou a fixar a imagem do cangaço, impossível hoje de ser entendido, se não se recorre ao texto dos folhetos, ao discurso cordelino.

2.1.1. Jesuíno Brillhante: O cangaceiro fidalgo.

A) Dados Bibliográficos:

“Jesuíno Alves de Melo Calado, depois chamado Jesuíno Brillhante, foi o cangaceiro gentil-homem, o bandoleiro romântico, espécie matuta de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos anciãos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas. Nasceu em Tuiuiú, Patu, Rio Grande do Norte, em 1844 e morreu lutando em Santo Antônio, águas do riacho de Porcos, Brejo da Cruz, Paraíba, em fins de 1879. Sepultaram-no no mato, no lugar “Palha”. Seu crânio, exumado pelo seu amigo Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, esteve longamente na Escola Normal de Mossoró e foi presenteado no Rio de Janeiro ao Prof. Dr. Juliano Moreira. Uma rixa de sua família com a família dos Limões, em Patu, valentões protegidos pelos políticos, tornou-o de pacato agricultor em chefe de bando invencível em 1871. Ficaram famosos os assaltos à cadeia de Pombal (Pe) para libertar seu irmão Lucas (1877) e, no ano anterior, à cidade do Martins (RN). Cercados pela polícia local, Jesuíno e seus dez companheiros abriram passagem através das casas, rompendo as paredes cantando a cantiga “Curujinha” e desapareceram. Ia sempre, disfarçado, às cidades maiores, hospedando-se em residências amigas, adquirindo munições e víveres. Durante a seca dos dois sete (1877) arrebatava os víveres dos comboios oficiais para distribuí-los com os famintos. Nunca exigiu dinheiro ou matou para roubar. Sua popularidade prestigiosa perdura na memória do sertão do Oeste norte-rio-grandense e fronteira paraibana com admiração e louvor inalteráveis. Rodolfo Teófilo estudou-o no seu romance *Os Brillhantes* e Gustavo Barroso, num ensaio no *Heróis e Bandidos*; Rodrigues de Carvalho publicou o “ABC de Jesuíno Brillhante” no *Cancioneiro do Norte*; ver “Jesuíno Brillhante”, *Acta Diurna*, na *A República*, Natal, 31 de maio e 7 de junho de 1942, com informações da família, descendentes e colaterais.”

B) A. B. C. de Jesuíno Brilhante.

Pouca coisa pude encontrar na literatura popular sobre Jesuíno Brilhante, considerado o maior cangaceiro do século XIX.

Além do folheto — A verdadeira História de Jesuíno Brilhante, de José Alves Sobrinho, dos textos antigos, resta-nos o A.B.C. de Jesuíno Brilhante, transcrito no *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho.

DE JESUÍNO BRILHANTE — Rio Grande do Norte — 1877

A

Agora com geral celícia,
Todos na sociedade
Quando chegou a notícia:
Jesuíno na cidade,
Eram todos a dizer:
Por certo há novidade.

B

Bastante fiquei vexado,
Me levantei fui olhando,
Era o senhor Jesuíno
Sua escolta acompanhado,
Bem vestido e bem montado,
Pela rua foi passando.

C

Com grande sinceridade,
Pela rua navegou
E encontrando um sujeito,
Por Porfírio perguntou...
Com quem tinha algum negócio
Sua casa procurou.

D

Dignamente chegando
Na porta logo esbarrou
Salvando a D. Luzia

Que o Porfírio não achou;
Respondeu e disse a ela
De mim não tenha pavô...

E

Então, Senhor Jesuíno,
Presumindo o que deseja
Tinha mandado comprar
Vinho, genebra e cerveja,
Embora o seu portador
Violento homem seja.

F

Foi um caso admirável,
Esse agora que vos digo,
Todo o povo da cidade
Geralmente reunido;
Que todos desejavam ver
Jesuíno no perigo.

G

Gritava com presunção
O comandante da armada;
Para o senhor Jesuíno
Temos mortalha cortada,
Temos algemas de ferro,
Gargalheira preparada.

H

Há um negócio importante,
Que me trouxe aqui agora,
Como não achei Porfírio
Me retiro, vou-me embora;
Ficará prá outro dia,
Se encontrá-lo por fora.

I

Idéia não fêz o homem
Que estava descuidado,
Quando chegou a notícia

O senhor é atacado
A tropa está reunida,
O senhor já é cercado.

J

Já eu sei D. Luzia,
Que o Porfírio não está
Mas enquanto não beber
Não posso me arretirar
— Já mandei um portador
Ele pouco há de tardar.

K

Kalendário de distrurbio
Hoje aqui há de se ver,
Se me vierem cercar
Muita gente há de sofrer
Os que mais me arrojarem
Hão de chorar e gemer.

L

Levante-se D. Luzia,
Sem beber não me retiro,
Somos todos cangaceiros,
Bem podemos dar uns tiros
Se me vierem cercar
Verão o que nunca viram.

M

Mansamente respondeu
O Senhor Antônio de Ó:
Se me vierem cercar
Meu patrão não fica só
E tal seja o meu destino
Que farei botarem dó.

N

Nesta mente estamos todos,
Respondeu o João Delgado,
Comigo contem por certo

Contra qualquer empregado.
Ao depois que der uns tiros,
Então serei retirado.

O

Oh! que barulho como êste
No Martins,* nunca se deu,
Muita vontade perdida,
Muita gente glória deu
Desta batalha tão forte
Que Jesuíno venceu.

P

Por certo gritou: o rôlo
Que neste dia se deu
Pelo subdelegado
Todo o mal se procedeu,
Que o Alferes, sem desejo,
Constrangido cometeu.

Q

Quem será teu defensor
Nesta serra do Martins?
Não podes contar vitória,
Brevemente terás fim.
Pouco terá que viver
Quem a ti não vir o fim.

R

Ramalho com presunção
Jesuíno sem temor:
"Tenha sentido no cerco,
Que eu brevemente me vou,
Não posso ficar aqui,
Que eu desta terra não sou."

* — Cidade do Rio Grande do Norte.

S

Saíram todos do cerco
Livre e salvo de perigo,
Deus lhe concedeu a vitória
Pois não mereceu castigo.
Voltaram os empregados
Fortemente constrangidos.

T

Todos romperam o cerco
Sem temor e sem demora,
Jesuíno repetindo:
"Está chegada a minha hora,
Tenha sentido no cêrco
Que a boiada vai-se embora!"

U

Unidos ficaram todos
Com muito boa união:
O povo ficou dizendo:
Lá se foram, lá se vão.
Voltaram os empregados
Mal servidos, sem razão.

V

Voltaram os combatentes,
Indo o alferes baleado
E o Juiz Municipal
Com um braço bem cravado.
Os mais, dizem que gemiam
Lastimando o seu estado.

X

Xorando ficaram muitos
Sem ter remédio que dar,
Bem empregado te seja,
Quem mandou tu ires lá?
Jesuíno e sua gente
Nunca te fizeram mal.

Z

Zombando foi Jesuíno
Pabulando a sua estória,
O alferes João Francisco
Com tristeza foi embora,
Chegando no Rio Grande
Já deu baixa sem demora.

O til é letra do fim
Vai-se embora o navegante,
Me procure quem quiser,
Cada hora e cada instante,
Me acharão sempre às ordens:
Jesuíno Alves Brilhante.

Este A.B.C. faz eco às virtudes do cangaceiro gentil-homem, na alusão implícita à coragem e valentia de Jesuíno Brilhante, com a narração de sua vitória sobre o poder constituído.

"Voltaram os combatentes
Indo o alferes baleado,
E o Juiz Municipal
Com um braço bem cravado
Os mais dizem, que gemiam
Lastimando o seu estado."

Fica explícito o caráter cavalheiresco, o proceder respeitoso do cangaceiro, na fidalguria do trato, nas palavras de saudação à dona da casa:

Dignamente chegando
Na porta logo esbarrou
Salvando a D. Luzia
Que o Porfírio não achou
Respondeu e disse a ela
De mim não tenha pavô.

Vitorioso, o cangaceiro retira-se sob o aplauso de todos, a admiração do povo, a cujo serviço sempre está:

O til é letra do fim
Vai-se embora o navegante
Me procure quem quiser
Cada hora e cada instante
Me acharão sempre às ordens
Jesuino Alves Brilhante.

2.1.2. Antônio Silvino — O rifle de ouro

Se é pouca a produção literária em torno de Jesuíno Brilhante, são abundantes os folhetos sobre Antônio Silvino.

Todas as qualidades que se exigem de um cangaceiro, exornaram a personalidade de Manoel Batista de Moraes — por antonomásia — Antônio Silvino — Silvino em “homenagem ao seu mestre de lutas — Silvino Aires” — permanecendo desconhecida a origem da alcunha de Antônio.

Para ele se transferem as qualidades anteriormente possuídas por Jesuíno Brilhante, já agora intensificadas na criação dos poetas populares — como Leandro Gomes de Barros — João Martins de Ataíde e, sobretudo, Francisco das Chagas Batista — o grande trovador das gestas de Antônio Silvino.

ANTÔNIO SILVINO — RESUMO DE SUA VIDA

“Manuel Batista de Moraes nasceu em 1875 na cidade pernambucana de Afogados da Ingazeira. Seu pai, Batistão, era brigão famoso na cidade, e por volta de 1895 foi assassinado por inimigos políticos, o que causou a entrada de seu filho Manuel para o bando do cangaceiro mais famoso da época, Silvino Aires, o “Caolho”. Após a morte de seu chefe, assumiu ele mesmo a liderança do grupo; em honra do falecido, chamou-se Antônio Silvino.

Silvino costumava realizar suas operações tanto no sertão quanto na região açucareira. Nunca teve consigo mais de seis camaradas, para manter sua mobilidade. Assaltava fazendas, roubava sacos de correspondência, assassinava adversários políticos e chantageava comerciantes ricos. Poupano os pobres, não permitindo que nenhum de seus companheiros fosse atrevido com as mulheres (há uma infinidade de anedotas sobre a honradez dos cangaceiros), ganhou fama de “ladrão bom, honrado”, foi comparado pelos sertanejos ao legendário ladrão Dlmas, que por circunstâncias adversas tornou-se la-

drão, mas por sua bondade conseguiu perdão e acesso ao reino dos céus como um dos dois ladrões na crucificação de Jesus. Antônio Silvino não foi tão amado pelos oficiais de polícia e pelos políticos do partido do governo: ele "fiscalizava" eleições, influenciava jurados a favor de seus protegidos e cobrava impostos. Em alguns municípios do interior só se ouvia falar de Antônio Silvino.

Em 1914, um oficial até então desconhecido, Teófanos, conseguiu surpreender o cangaceiro e prendê-lo. Num processo sensacional, ele foi condenado à pena máxima de trinta anos de prisão. Depois de vinte e cinco anos, foi indultado por bom comportamento. Até sua morte, em 1944, viveu como trabalhador em Minas Gerais, na companhia de sua filha.

Antônio Silvino foi o primeiro cangaceiro cuja fama pessoal chegou até o último rincão do Brasil. Histórias sobre ele encheram várias colunas na imprensa do Rio e São Paulo. No Nordeste conseguiu, mesmo por ocasião de seu processo, desviar a atenção da perigosa situação política mundial na Europa. O cangaceiro Antônio Silvino tornou-se para toda a nação um mito.

Podem-se encontrar as mais importantes dissertações sobre a história de sua vida em: *Um Sertanejo e o Sertão*, de Ulisses Lins de Albuquerque; *Serrote Preto*, de Rodrigues de Carvalho e *Heróis e Bandidos*, de Gustavo Barroso.

De simples bandoleiro passa Antônio Silvino, na épica do Cordel, o herói místico: em seu nascimento, ocorrem fenômenos extraordinários: parteira, assistentes e curiosos predizem avisos espantosos; poderes mágicos o protegem; forças misteriosas o tornam infenso a bala, a punhal; como um gênio, um duende, vara o sertão e as cidades, com auréola de invencível, capaz de derrotar o próprio demônio, como o fez, inferior apenas à potestade divina. Sua vida reproduz o duelo entre o Bem e o Mal, passível de compreensão na extrema ambigüidade que permeia a realidade do cangaço. O cangaceiro, na linha de Jesuíno Brilhante e de Antônio Silvino, é a encarnação dos dois princípios: o bem e o mal: o bem, como princípio da justiça; o ponto da honra; a defesa do oprimido, vai, contudo, cedendo, paulatina e celeremente, lugar ao sinal — fonte da morte, ameaça à propriedade, causa da intranqüilidade social. É quando o cangaceiro perde o apoio social e todos passam a exigir o seu fim, a reclamar seu extermínio, como sacrifício expiatório já agora de uma carreira considerada celerada, criminosa.

Sem a grandiosidade das epopéias clássicas, o Cordel criou uma epopéia nordestina, popular, ao nível de compreensão das massas rurais, no trato da festa dos cangaceiros, com reprodução de "topoi" tradicionais, e também com inovações ao nível da significação.

Do tópico tradicional, temos a caracterização do cangaceiro como herói mítico e até a tradicional descida aos infernos, numa contratação cabocla da peregrinação de Eneas à região dos mortos.

A passagem do cangaceiro pela morada do diabo faz-se à moda de sua errância pela terra; guiado por um padre (e um sacristão), toma ciência do lugar, visita seus companheiros mortos e subjuga o demônio:

Venho do mundo dos vivos
Sahi esta madrugada
Vim visitar Rio Preto
E dar adeus a Cocada
Vá me chamar Antônio Félix
Meu colega e camarada.

Então diga a Relâmpago
Meu antigo companheiro
Que agora faço intenção
Deixar de ser cangaceiro,
Isto é, não deixo o rifle
Que é quem me rende dinheiro.

O Diabo estremeceu
A meus pés ajoelhou-se
Pedi-me dez mil desculpas
Depois disto confessou-se
Tanto que outro diabo
Gritou de fora — danou-se!

Na história de Antônio Silvino, repete-se a tópica da gesta do cangaço: entrada no cangaço por vingança — luta com onça — defesa da mulher e dos fracos; nele, porém, não se realiza a glorificação final do cangaceiro — morrer sem se entregar à polícia, o que trouxe embaraço a Chagas Batista, para justificar sua rendição à volante, com visível quebra do elo final que arremata seu destino trágico.

Com Antônio Silvino, surge uma componente nova, na história do cangaço: a preocupação explícita com a política —

o cangaceiro dizia-se homem de oposição. O poeta popular se apercebe deste conteúdo do cangaço. Há três textos em que se torna explícita esta compreensão por parte do poeta de cordel: *A política de Antônio Silvino* — 1908; *Os Decretos de Lampião* — 1925, ambos de Chagas Batista; e *Se Lampião fora Presidente ou os Projetos de Lampião* de João Martins de Athayde, por volta de 1928.

O texto *A Política de Antônio Silvino* é um compêndio matuto das idéias sócio-políticas, herdadas do liberalismo do século passado.

Uma introdução — em que o cangaceiro se proclama candidato das oposições e baseia sua plataforma na luta contra a isenção dos impostos e a lei do sorteio militar, implantada no Governo de Afonso Pena, no ano de 1908. Estes dois itens coincidem perfeitamente com os dois objetivos maiores que mantêm Antônio Silvino debaixo do cangaço: oposição ao Governo naquilo que mais importunava o pobre sertanejo — a cobrança dos impostos — malbaratados, no consenso de todos, pelos danos do poder; oposição ao governo, na recusa à lei do sorteio militar, de recrutamento de jovens para o exército, então, muito mal visto pelo povo.

Ameaça “enorme guerra civil” e se diz governador do sertão, em cidades da Paraíba — Pernambuco e Rio Grande do Norte. Seu programa de governo, “conveniente e moderno”, brada novamente contra os impostos, os membros da justiça; contra os padres interesseiros; apregoa o ensino obrigatório, a derrubada de cadeias, sobre cujos escambos edificará escolas.

Defende um igualitarismo universal na posse da terra e no trabalho; torna o casamento obrigatório, aos 20 anos de idade; insurge-se contra o preto, em manifesta confissão racista:

“A terra será em comum
Todos se apossarão
Ninguém pagará mais foro
Para fazer plantão
Não haverá nesse tempo
Nem criado nem patrão.

Todos hão de ter direito
Será geral igualdade
O que foi rico, terá

Ao que foi pobre, respeito
O graúdo Senhor de engenho
Irá trabalhar no eito.

Aos vinte anos de idade
Todo homem há de casar,
Não consentirei que o branco
Ouse ao preto desposar
Porque os negros para a África
Todos hei de afastar.

Em relação aos costumes, dá continuidade a preconceitos antigos; como déspota esclarecido, apregoa o partido único:

Acabarei com o divórcio
Ninguém se há de descasar
Quem deflorar uma moça
A força há de a esposar!
E será mui castigado
Quem a esposa abandonar.

Somente ao meu poderio
Todos hão de obedecer
Não haverá outra política
Para a minha combater
Porque quem se levantar
Contra ruim há de morrer!

Pela boca do cangaceiro, num procedimento narrativo de autodefesa, como insinua Donald Daus, o popular faz-se porta-voz de propostas avançadas para a época, em termos de educação, de defesa da igualdade de direitos da posse da terra, da livre expressão do pensamento e da crença, num ideário, cuja atualidade não perde em nossos dias, seu vigor, e por cujos intentos exige-se transformação:

E essa transformação — p. 134 T. IV
Traz grandes melhoramentos
Todos terão seus direitos
De crenças e pensamentos;
Haverá plena igualdade
E eis ahí meus intentos.

(C.B.T. IV — 16)

2.1.3. Virgulino Ferreira da Silva — Lampião — Rei do Cangaço.

Com Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o império do cangaço atinge seu fastígio. Em sua pessoa dá-se a concentração de tudo que compõe a figura do cangaceiro. Como das faces de um prisma, irradiam-se dele aquelas qualidades e defeitos com que o matuto sonha exornar-se a personalidade de um cangaceiro. É a salvação e o flagelo do sertão; a esperança e a decepção de todos; a alegria e a tristeza do povo; deus e o diabo na terra de sol. Em vida, herói e anti-herói das populações sertanejas; na não-vida do cangaço um mito — que é “tudo e não é nada”; na morte, um símbolo do Nordeste.

“Era brabo, era malvado
Virgulino, o Lampião
Mas era, pra que negá
Nas fibras do coração
O mais perfeito retrato
Das caatingas do Sertão.”

Em Lampião, como num emblema, estampam-se as características do cangaceiro, só que com a virulência extrema de um ferro em brasa. Sua trajetória é a reprise épica da história de todo cangaceiro: entrada no cangaço por vingança; vida errante de guerrilheiro; morte em combate, sem rendição. Tudo isso, porém, em se tratando de Lampião — o rei do cangaço — atinge o paroxismo nas realizações.

Lampião não é uma repetição pura e simples; não é uma conta a mais no rosário do cangaço. Sua vida tem traços tão individualizantes, nos caminhos do bem e do mal, que desconcertam todos aqueles que se aproximam de sua história.

Esta, por sua vez, mostrou-se impotente para contê-lo em seus limites. Lampião escapa dela e passa a habitar o espaço da mitologia. E o Cordel é um dos grandes responsáveis pela cunhagem mítica da imagem do filho de Águas Belas.

LAMPIÃO — RESUMO DE SUA VIDA

“No centro de Pernambuco / No Nordeste brasileiro / No ano de novecentos / A 12 de fevereiro / No termo de Vila Bela / Nasceu esse cangaceiro”, escreve o poeta popular José Cordeiro sobre a data e lugar de nascimento de Virgulino Ferreira da Silva.

A cidade de Vila Bela chama-se, desde 1939, Serra Talhada. Já aos dezessete anos, Virgulino tomou parte em embates bélicos, como membro de uma tropa de capangas. Depois da morte de seu pai (assassinado por uma patrulha policial), entrou o jovem "efetivamente" para o cangaço e para o bando do fidalgo Sebastião Pereira. Depois que seu chefe emigrou para Mato Grosso, assumiu Virgulino, por volta de 1922, a liderança do grupo, já sob o nome de "Lampião" (era capaz de acionar tão rapidamente o gatilho de sua espingarda que ficava ininterruptamente sob clarão do fogo, luzindo como um grande "lampião"). Começou sua carreira com fatos até então inauditos, assaltou cidades com seus camaradas (por exemplo Patos, na Paraíba), saqueou-as, semeou o terror por toda a região. Em 1926, estava no auge de seu poder; ele se definia como "Rei do Sertão". Com sua tropa, que chegou a atingir um efetivo de quatrocentos cangaceiros, controlava o interior de sete Estados do Nordeste: Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia. Quando, neste ano, a Coluna Prestes, de rebeldes revolucionários de caráter social, atingiu o Nordeste, o caudilho de Juazeiro (Ceará), o famoso Padre Cícero, concedeu ao cangaceiro, que era seu amigo, a patente de capitão da polícia, para defesa contra esse perigo. Mas Lampião nem pensou em perseguir os rebeldes. Ele aproveitou a distração de seus "colegas" da polícia para continuar impunemente seus assaltos.

No ano de 1927, o cangaceiro ousou até assaltar a segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, centro do comércio (com 30.000 habitantes), tentativa malograda graças à determinação defensiva dos mossoroenses. Depois organizou-se uma batida contra Lampião. Todos os Estados do Nordeste se uniram por contrato para prender finalmente o cangaceiro. Ele fugiu para a Bahia (1929), onde ficou quieto por um ano. Depois, porém, voltou a perpetrar seus crimes lá também. Assaltou a cidade de Queimadas.

Na Bahia, Lampião conheceu Maria Déa, mulher de um sapateiro. Ela fugiu com ele e acompanhou-o até sua morte como "Maria Bonita". É a mulher mais famosa no cangaço. Sua história de amor dramatizada por Rachel de Queirós (*Lampião*, Rio de Janeiro, 1954) e aproveitada por vários diretores de cinema.

A época de 1930 e 1938 caracteriza a decadência do cangaço. Consolidação política, campanhas culturais, construção de estradas, enfraquecimento do poder dos coronéis, tudo isto junto acabou com os cangaceiros. Só mudando constantemente

de esconderijo é que Lampião pôde sobreviver à perseguição das tropas policiais, os "macacos". Finalmente, em 1938, o oficial de polícia alagoano Bezerra encontrou-o na gruta de Angicos. Num ataque de surpresa, foram fuzilados todos os cangaceiros que lá estavam (inclusive Maria Bonita). Cortaram-lhes as cabeças e levaram os troféus, perfurados de balas e em semidecomposição, em marcha triunfal até Maceió. Atualmente podem ser vistas no museu Estácio Lima, em Salvador.

A morte de Lampião teve um epílogo: seu amigo Corisco vingou seu líder, cortando igualmente a cabeça dos vaqueiros da Fazenda de Angicos. Mas, pouco tempo depois, também ele foi fuzilado.

Lampião, que era cego de um dos olhos, foi, já em vida, a essência do cangaceiro brutal, sem consideração, perverso e ávido. Todo o mal imaginável pode ser encontrado na sua pessoa. Com astúcia demoníaca conseguia livrar-se de seus perseguidos e aniquilá-los no momento certo, como no massacre de Serrote Preto, em que unidades policiais de Pernambuco e da Paraíba se destruísem mutuamente, sem que os oponentes notassem que estavam matando sua própria gente. Seus crimes são de uma crueldade que clama aos céus. Ao lado disso, entretanto, estão sua tendência ao misticismo, seu amor por Maria Bonita, seu desprezo pelos ricos fazendeiros, sua confiança no santo Padre Cícero, suas aventuras romancescas (por exemplo, quando tirou da Baronesa da Água Branca as moedas e jóias do tempo do Imperador, com as quais ela costumava enfeitar-se). Foi um bom poeta popular, tocava acordeão e é provável que tenha composto a canção "Mulher Rendeira" que se tornou famosa por causa do filme "O Cangaceiro", que se baseou em sua vida. (A canção foi registrada pela primeira vez por Mário de Andrade, *Ensaio sobre a Música Brasileira*, p. 115-117). Lampião era um homem cheio de contradições, com muitas características boas e muitas abomináveis. Na luta um herói, nas agressões covardes, um animal. Sua imagem é discrepante, como o posicionamento dos sertanejos em relação a ele.

Pormenores sobre a vida de Lampião se encontram sobretudo em Rodrigues de Carvalho, *Serrote Preto*; Luís Luna, *Lampião e seus Cabras*; Nertan Macedo, *Capitão Virgulino Ferreira Lampião* e Optato Gueiros, *Lampião*. Breve descrição da carreira de Lampião (na verdade mais fantástica do que objetiva).

A bibliografia do Cordel, incontável e variada, passada e atual, sobre Lampião, esquadilha sua fotografia, narrando, com fidelidade, lances reais de sua vida e práticas de sua ação, e imaginando situações, em incursões profundas pelos campos da fantasia.

O poeta popular e o cantador, como narradores, sabem ser fiéis os fatos e, por outro lado, sabem imaginá-los fantasiosos, como ninguém. Identificados com seu público, por originários que são de uma mesma realidade cultural, conhecem muito bem as necessidades de informação e as necessidades estéticas e psicológicas a que devem satisfazer, em seus leitores.

Nesta palestra, gostaria de me ater em alguns aspectos da narrativa de Cordel sobre Lampião, passando ao largo da narrativa épica propriamente dita sobre fatos reais ou imaginados de sua vida, contemplando a narrativa cômica pouco abordada, em folhetos como: A Chegada de Lampião no Inferno; A Chegada de Lampião no Céu (ambos de José Pacheco); Lampião fazendo o diabo chocar um ovo, (José Costa Leite); A grande briga de Lampião com o homem que virou bode (Manuel de Almeida Filho).

Apresentam-no como substituto de Antônio Silvino, atribuindo-lhe parentesco, pondo Lampião na linha de sucessão, numa justificativa de decadência, a assegurar o direito a Virgullino Ferreira de assumir a coroa de rei do cangaço.

Depois que Antônio Silvino
Se entregara a prisão
Ficou substituindo-o
Virgullino Lampião
Um cangaceiro ilustrado
Que com um grupo bem armado
Domina o alto sertão.

(C. B. Tomo IV. 244)

Lampião era parente
Do grande Antônio Silvino
E trouxe quando nasceu
De ser bandido o destino
A parteira que o pegou
Um dia profetizou
Que ele seria assassino.

(C. B. Tomo IV. 245)

Sabedores da inclinação supersticiosa da alma sertaneja, os poetas populares procuram colocar a vida de Lampião sob a égide de forças sobrenaturais, sob a potestade de satanás. Submetem-no aos rituais de fechamento de corpo pelo feiticeiro Macumba; Mefistofelicamente, apregoam seu pacto com o demônio:

Foi a casa de Macumba
E elle fez o serviço
Fechou o corpo do rapaz
P'ra bala, faca e feitiço,
Então, disse a Lampião:
Não haverá valentão
Que pise no teu toitiço.

Primeiro ele sujeitou-se
A um processo arriscado
Em um caixão de defunto
Passou a noite trancado
O feiticeiro o ungiu
E quando ele de lá saiu
Estava de corpo fechado.

Então fez alvo do peito
E o feiticeiro atirou
A bala batendo nele
Somente a roupa rasgou.
Caiu no chão amassada
E nem mesmo a dor da pancada
Ao herói incomodou.

Disse-lhe o velho Macumba:
Agora podes brigar,
Bala não te fura o couro
Faca só faz arranhar
Feitiço não te ofende
E a polícia só te prende
Depois que eu me acabar.

(O Pacto com Satanás)

Disse o diabo: a proposta.
Que eu te venho fazer
É p'ra me dares um calix

De teu sangue p'ra beber
 E levar dele um signal
 Para o velho maioral
 Que tudo pode fazer.

Estou pronto, tire-me o sangue
 Respondeu-lhe Lampião.
 E o diabo com a unha
 Furou-o perto do vão
 Tirou-lhe o sangue e bebeu
 Uma parte outra escondeu
 No fundo do matulão.

Disse o diabo a Lampião
 Nosso pacto está formado
 Terás o que desejares
 Sem seres incomodado
 E se em perigos caíres
 Não precisa te afligires
 Que estarei sempre a teu lado.

Enquanto tiveres vida
 Teu corpo defenderei
 E no dia em que morreres
 A tua alma levarei
 Para o meu reino infernal
 Onde impera o maioral
 A quem sempre servirei.

Lampião disse: colega
 Vá embora descansado
 Que o pacto que fizemos
 Por mim será executado.
 O diabo se retirou
 E a fortaleza ficou
 Fedendo a chifre queimado.

Cientes ainda da natureza exaltada do sertanejo, ébria por feitos de valentia e atos de coragem, os poetas populares prepararam a entrada triunfal de Lampião no cangaço, submetendo-o à prova de fogo — o duelo de vida e morte com uma onça — a fera do sertão no estilo tradicional da tópica matuta da épica cordelina.

Entrou numa grande furna
E dentro ouviu um rugido
Foi o ronco d'uma tigre
Que o deixou aturdido;
O rifle apertou na mão
Porém nessa ocasião
Foi pelo seu agredido.

Desenrola-se o combate; a onça arrebatou o rifle, em seguida, a garruncha; o perigo cresce e Lampião enfrenta a fera a punhal para, afinal, matá-la sangrada.

Pulou para trás, e o chapéu
Numa das mãos segurou
E quando a onça partiu
Ele os olhos lhe tapou
E marcando-lhe o pé da guela
Seu punhal enterrou nela
E dentro a arma deixou.

A tigre ao ver-se ferida
Um enorme salto deu
E por cima d'um lagedo
O corpo em cheio estendeu
E mortalmente ferida
Rugindo enraivecida
Ali mesmo ela morreu.

(C. B. Tomo IV — p. 272/3)

Encontra-se Lampião, a essa altura, preparado; cumpriu-se nela a liturgia ritualística para ingresso no cangaço: o fechamento do corpo, pacto com o demônio, o batismo de fogo — a luta vitoriosa com a onça. Para proteção definitiva, leva ao pescoço o patuá de orações aos santos: São Correr, São Li-geiro, São Traçoeiro, São Brado, São Vigilante, São Escopeteiro, São Desconfiado, São Cuidado e São Dorme Pouco. Agora seria o que o diabo quisesse:

“Disse Lampião aos pais,
Minha derrota está feita
A dita não me quer mais
Sei que a desdita me aceita
Aquele que Deus não quer
O Diabo é que não enjeita.”

Não seguirei, no entanto, seu rastro de morte; não abrirei espaço aos poetas e cantadores para a celebração das gestas do famoso bandoleiro: a marcha a Mossoró; a visita ao Padre Cícero, no Juazeiro; o assalto à Baronesa de Águas Belas; seus combates sangrentos, seus crimes hediondos.

Não me deterei em seu projeto político; já o fez o Prof. Diatay Bezerra de Menezes, no artigo: Estrutura Agrária: protesto e alternativas na poesia popular do Nordeste — *Rev. de Ciências Sociais* n.ºs 1 e 2/82.

Passarei por sobre sua vida, para assistir à sua chegada no Inferno; seu debate com São Pedro, na entrada do céu; sua humilhação pelo bode misterioso; a humilhação do demônio por Lampião. Privilegiarei o cômico, o humorístico, em detrimento da narrativa épica.

Como já afirmamos, o poeta conhece bem seu leitor, seu público consumidor, em suas preferências e gostos.

Entre estes, está o gosto pelo cômico, o que faz rir, o que diverte, sem refinamento numa imagística grosseira, na manipulação de uma semântica só pela gente mais simples conhecida e apreciada.

Esta tradição herdou o Cordel da Idade Média européia, adaptando-a às nossas condições culturais. "O cômico hagiográfico" e o "humorismo de cozinha", relatado por Curtius, haveriam de repercutir na literatura do povo, tão arraigada nos esquemas literários medievais de origem popular.

A figura do cão, suas estrepolias, as imagens que o metáforizam, mesmo os santos, em certos traços, têm predisposição acentuada para provocar o riso, o ridículo, através de ações e palavras em situações de um ludismo muito simples, compatível com a alma ingênua do nosso sertanejo.

Ao lado de uma ingenuidade inocente, emparelha-se, por vezes, o grotesco, em tom grosseiro, a provocar comicidade por força de objetos e fatos, protegidos pelo tabu, na ordem do libidinoso e do sagrado.

A morte de Lampião e o conseqüente desaparecimento do cangaço provocaram um vazio na narrativa épica do Cordel. Os poetas, então, foram procurá-lo no outro mundo, no reino de satanás, onde, com maior certeza, deveria estar. Um cabra de Lampião, que andava a fazer malassombro:

"foi quem trouxe notícia
que viu Lampião chegar.
O inferno neste dia
faltou pouco pra virar

incendiou-se o mercado
morreu tanto cão queimado
que faz pena até contar.

Morreu a mãe de Canguinha
O pai do Forrobodó
Três netos de Parafuso
Um cão chamado Cotó
Escapuliu Boca Ensossa
e uma moleca moça
quase queimava o totó.

Morreram 100 negros velhos
que não trabalhavam mais
e um cão chamado Trás-cá
Vira-volta e Capataz
um cão chamado Goteira
cunhado de Satanás.

Fere-se uma luta tremenda: levanta-se todo o inferno contra Lampião: um exército de negros. Fica bem claro o preconceito de cor no Cordel, cuja aversão ao preto é inconteste.

Quando Lampião deu fé
da tropa negra encostada
disse: — Só na Abissínia
oh! tropa preta danada
o chefe do batalhão
gritou: As armas na mão
toca-lhe fogo negrada.

Lampião pôs em retirada os negros; incendiou-se, na luta, o mercado e um armazém de algodão. Não tendo com quem brigar, Lampião regressa, provavelmente ao Sertão.

"Leitores vou terminar
Tratando de Lampião
Muito embora que não possa
Vos dar explicação
No inferno não ficou
No céu também não chegou
Por certa está no sertão."

Como o sertão não é morada de mortos, o mesmo poeta José Pacheco vai achá-lo, na entrada do céu, em discussão com São Pedro.

"Abriu (São Pedro) na frente o portão
ficou na trave escorado
branco da cor de um finado
quando viu Lampião
mas com a trave na mão
não temeu de lhe falar
e disse aqui não se dá
aposento a gente mau
se não quer entrar no pau
acho bom se retirar.

Lampião lhe respondeu
não venha com seu insulto
você é um santo besta
que ofensa lhe fiz eu?
E mesmo o céu não é seu
você aqui é mandado
portanto esteja avisado
se não deixar eu entrar
nós vamos experimentar
quem é que tem bom guardado.

All falou São Bernardo
que também vinha chegando
— Pedro você está brincando
com este cabra safado?
Vá me chamar São Ricardo
e São Francisco da Penha
diga a São Tomé que venha
e chame São Juvenal
traga um pau de quintal
e uma lasca de lenha.

São Pedro ergueu-se nos pés
e disse de cara feia:
pra dar num cabra de peia
não precisa oito nem dez
e gritou por São Moisés

vamos dar no bandoleiro
saltou no meio do terreiro
até preparando a faca
gritando quebra uma estaca
arranque um pau do chiqueiro.

São Paulo estava na quinta
mas ouvindo a discussão
apertou o cinturão
e botou a faca na cinta
encontrou Santa Jacinta
que já vinha no caminho
e disse a Santo Agostinho
arretorcendo o bigode:
arreda que tu não pode
eu pego o cabra sozinho.

Porém antes de pegar
desceu um grande corisco
jogado por São Francisco
da porta do quinto andar
num tremendo ribombar
um trovão também desceu
o espaço escureceu
veio um forte pé-de-vento
Lampião neste momento
dali desapareceu.

(N. M., p. 100/1)

Sutilmente, percebeu-se, nos dois textos, tratamento diferente em relação ao poder de Lampião. No inferno, sua arrogância é grande; ombreia-se com os demônios de quem sal vitorioso. Lúcifer e Satanás os dois manos assistem à batalha. O cangaceiro canta vitória.

Na sua maldade, o cangaceiro confunde-se com o diabo, é seu parceiro; faz pacto com ele; e entra no cangaço sob sua proteção.

No céu, os santos são nomeados por seus nomes verdadeiros; apesar do antropocentrismo, Lampião encontra-se em inferioridade.

No inferno não teve boa recepção, por ser uma ameaça à ordem, à segurança do poder. No céu, não tem guarida, por ser cangaceiro:

"Você não entra atrevido
São Pedro lhe disse assim
ingresso a quem é ruim
nesta porta é proibido
não sabes que sois bandido
roubador da vida humana?
Alma ferina e tirana
coração cruel, perverso
como, queres um ingresso
nesta mansão soberana?"

(N. M., p. 100)

Nem Deus, nem Jesus Cristo se deram à pachorra de tomar conhecimento da presença de Lampião em seus domínios celestes. Do alto de sua soberania, tudo ignoraram. Na opinião de estudiosos, tal atitude reflete o distanciamento de Deus do homem e de seus interesses na terra, por parte da divindade, na visão do Cordel. Mais próximo do mundo do sertão, em correrias constantes, está o Diabo, diz Gustavo Barroso. Aliás, os cangaceiros, como Antônio Silvino, Lampião, entraram em luta corporal com o demo; até cantadores (Manuel das Cabeceiras) cantaram desafio com o diabo. O sertão como habitat natural do cangaceiro pode servir com facilidade de pousada do demônio.

CONCLUSÃO:

O cangaço é, de fato, um produto de nossas condições culturais. Para sua compreensão plena deve-se mobilizar o esforço de várias ciências sociais, sem que se possa descuidar a contribuição da literatura popular.

Ao mesmo tempo em que se pode vê-lo como manifestação de luta de classe, como realização da prática de banditismo social, muita coisa escaparia, se não pudéssemos vê-lo na iluminação da compreensão do Cordel.

O poeta popular e o cantador alargam seu entendimento e o revelam como foi percebido e sentido pela alma do povo, em sua visão de mundo, forjada por complexos e inúmeros fatores de ordem histórica, social, geográfica, ética e religiosa.

Para o poder, o cangaceiro é a encarnação do mal, o elemento perturbador do sistema, a ameaça da ordem, a destruição da propriedade. Para o camponês, poderá ser o arrimo, o braço da justiça, a força vingadora, o caminho da salvação, sem

deixar de ser o terror, a intranqüilidade, o fator de desagregação da paz da família e da sociedade.

Nesta ambigüidade, o Cordel revela a natureza do cangaço, em suas implicações, com a história e a sociologia, com a antropologia e a psicologia, numa riqueza de penetração que só a arte, em geral, e a literatura, em particular, alcançam.

A imagem que hoje conservamos do cangaceiro é aquela estampada pela arte: a pintura, a música, a xilogravura e a literatura, em que se esbatem os contornos da maldade, para se acentuar as marcas da valentia e de defesa da honra.

É um fenômeno que ocorreu com quase todos os cangaceiros, sobretudo, com Virgulino Ferreira — Lampião, em que se apagaram os traços de sua realidade histórica, para dar lugar ao mito-Lampião, nas terras do Sertão, de onde não desaparecem.

“No país dos nordestinos
de agouros infinitos
ainda se ouvem os gritos
do seu feroz combater
na toada das rendeiras
na voz do cego das feiras,
o peito quente do povo
espera o seu renascer.
Corpo afora sem cabeça,
virou alma do outro mundo,
meduso de um profundo
sono sem amanhecer...”